



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

5 de Dezembro de 1998 • Ano LV - N.º 1428
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra de Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Um friso encantador!

Trabalho infantil

MAS o trabalho infantil não é apenas contravalor, 'flagelo social' — «expressão que se estabeleceu para uso específico e repetitivo a propósito do tema», como nos informa o autor do artigo que reflectimos nas duas últimas edições d'O GAIATO: «Entre a hipocrisia e o quixotismo». A expressão não é de sua autoria nem do seu agrado como comprova todo o contexto. Problema demasiado difícil para se resolver com armas de D. Quixote — afinal as que têm sido brandidas em estratégias parciais que, a não serem ingénuas, são hipócritas — o trabalho infantil é, todavia, «batalha sem fim que só se perde quando deixa de ser travada». Urge travá-la, pois, sempre que apareça em desvalia do homem.

O trabalho infantil, porém, é também um valor, diria mesmo que, como regra, é valor. A corrupção desta regra — por abusos de quantificação e outras motivações diversas em que quase sempre o demónio é o dinheiro — deveria ser considerada a excepção. Depois, há uma dicotomia que me parece estruturalmente errada e deformativa,

que é a contraposição do trabalho ao estudo. Pois o estudo é trabalho, um trabalho preliminar que prepara para trabalhos futuros, mas que nada perde em ser temperado por experiências de tarefas manuais. As crianças e os jovens deveriam ser mentalizados em ordem a uma tomada de consciência de que a actividade escolar seriamente assumida os constitui verdadeiros trabalhadores. Não mais o estudante e o trabalhador. Aliás, este, se é honesto e saudavelmente ambicioso, terá de aprender toda a vida. Insana me parece, pois, esta classificação corrente: estudantes, trabalhadores e trabalhadores-estudantes. Tem mesmo um conteúdo de discriminação social. E ela infiltra-se nas mentes e flui sobre a sociedade e contra ela.

A «Escola Nova» de António Sérgio, de Faria de Vasconcelos, fundava-se nesta filosofia e frutificou... mas, que eu saiba, nunca em Portugal. Que eu saiba, Pai Américo, foi, entre nós, o primeiro realizador eficaz desta pedagogia:

Continua na página 4

SETÚBAL

A minha mãe pobre e afadigada

NESTA tarde de domingo soalheiro, deste Novembro seco e agreste, recolho-me no escritório a escrever prò GAIATO. Esta acção, a estas horas, traz-me à lembrança, com eterno carinho, a minha mãe pobre e afadigada que aproveitava a solidão das tardes dominicais para pôr a nossa roupa em ordem: confeccionar o vestuário, dar pontos, pregar botões ou passar a ferro.

Era assim a folga de quem trabalhava sete dias por semana.

É assim também o recreio semanal das senhoras em nossa Casa: reforçar o amor pelos rapazes no dia do Senhor! Modo simples de viver numa consagração absoluta!

De manhã, na Eucaristia, falei do Reino de Jesus Cristo. É dia de Cristo Rei!...

Convidei os rapazes e o pequenino grupo fiel que se junta a nós, a votar em Jesus.

Não como os chefes dos judeus, instalados e vitoriosos ao verem-nO pregado na cruz, nem como os soldados cheios de força com espadas na mão, a fazerem troça dEle, ou mesmo como

um dos malfeitores, como Ele suspenso na Cruz. Atitudes de sentimentos que se revivem em todas as gerações e também na nossa.

O Seu reinado inclui uma opção fundamental pela simplicidade, pelo trabalho humilde e esforçado, pela verdade na vida onde a mentira campeia com disfarces jamais igualados em qualquer época, com acento especial nos que se instalam nas estruturas fundamentais da sociedade.

O Reino de Deus é tão compreensivo e tolerante como radical e violento. Só os violentos o arrebata.

O chefe que devemos eleger no nosso coração é o que nos liberta do domínio das trevas, nos dá o perdão dos pecados, o primeiro entre os que ressuscitam dos mortos e possui a plenitude de todos os bens.

Apelei ao voto, ao voto em Jesus.

No fim da Missa o Sousa vem dizer que uma senhora me desejava falar.

Os rapazes saíram confortados da capela, de forma ordeira e jovial, rapidamente.

A senhora quis contactar-me antes da Celebração mas não pôde. No fim,

temia perder a oportunidade. Apanhou-me à saída da sacristia que dá para o interior do templo e começou por exprimir o que pretende: — *Venho pagar uma dívida de há muito tempo!...* Os olhos rebentaram-lhe e não aguentou as lágrimas. Também eu me comovi. Tinha um aspecto humilde e sofredor a minha interlocutora!...

— Não me deve nada!

— *Devo, devo. Devo a Deus e venho pagar. Custou-me muito a juntar. Foi aos poucos e consegui.*

Pôs-me na mão um envelope fechado com uma mão, enquanto com a outra limpava o rosto!

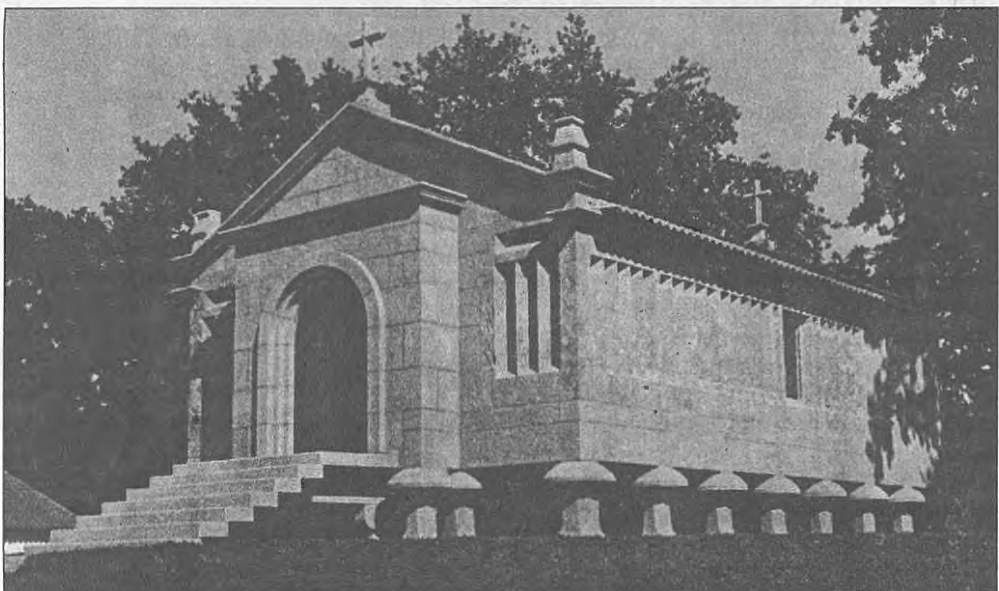
Era a conclusão da homilia.

— Tens na tua frente quem há muito vota Nesse Rei, dizia-me uma voz interior, a qual reconheci ser do Mesmo Rei.

O motivo da «dívida»: «*Uma doença provocada por excessivo trabalho numa pastelaria. Sobre tudo na altura das festas, era demais*», concluía.

Não voltou a trabalhar por conta de outrem, «*mas fiquei capaz de governar a minha casa*».

Continua na página 3



No meio das frestas esguias, pequenos vitrais.

CALVÁRIO

Na luz dos vitrais

Onobre mas arruinado espigueiro da quinta, suspenso em cogumelos de granito foi em tempos transplantado, ampliado e feito capela num montículo circular de relva.

Todas as tardes os doentes sobem até ele por larga escadaria de pedra, lentos como mendigos, ao encontro, não das espigas de antanho que ali eram guardadas, mas de outro alimento — o Pão da Vida.

Entro também na capela. A luz coada pelas frestas verticais quebra a escuridão e derrama suavidade, silêncio e uma enorme paz.

No meio das frestas esguias dois pequenos vitrais. O da direita mostra Cristo na cruz sob os olhares atentos de Maria e João. O da esquerda apresenta-nos Cristo saído do sepulcro, com Madalena a Seus pés. Perpassa por ambos uma luminosidade de tons vários, mostrando as duas cenas fundamentais do Evangelho.

Toda a caminhada que pretendemos seja feita pelos doentes, aqui recolhidos, ali é proposta: da morte à Vida.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBREZA EXTREMA — Perante o recente Congresso Mundial sobre a Pastoral dos Direitos Humanos, promovido pelo Conselho Pontifício «Justiça e Paz», em Roma, e dedicado à comemoração do quinquagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, João Paulo II afirmou que a pobreza extrema, a Miséria, que faz sofrer milhões de pessoas por todo o Mundo, em plena era tecnológica, é «um autêntico escândalo», um atentado contra esses direitos.

Com a autoridade moral e espiritual que lhe assiste, entre outras negações e/ou violações de tais direitos, o Santo Padre cita a exploração de tantas pessoas, ainda hoje, «por causa de economias desastrosas» — o escândalo da «persistência da pobreza extrema», da Miséria, «no Mundo, em contraste com a opulência de uma pequena parte da população do planeta».

BOTICA — A factura da botica, referente ao mês de Outubro, chegou a nossas mãos para o tesoureiro regularizar.

Dezenas de contos, como habitualmente.

Então, lembrámos ao nosso Deus os utentes, doentes a nosso cargo: órfãos, viúvas, paraplégicos, idosos, pensionistas do chamado regime especial, etc.

Que seria deles se não lhes botássemos a mão, se a Caridade não fosse o que é...!?

PARTILHA — Cinco mil, da assinante 57432, Religiosa

que mora em Fátima, com «votos de santo Natal». Retribuímos com amizade.

Idem, da assinante 32925, da Guarda, «por intenções particulares. Agradeço anonimato» — acentua.

Quinze mil, da assinante 14493, do Porto, «contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, referente ao mês de Novembro». Perseverante!

Assinante 6670, de Quinchães, Fafe, presente com um «pequeno contributo» para os nossos Pobres — e um voto: «Deus vos ampare e proteja». Que bem!

Chegam 5.000\$00, de Penacova, «pequena oferta para as maiores urgências. Espero mandar mais alguma coisinha para as urgentes necessidades de quem precisa. E Deus vos continui a ajudar — ajudando os Outros». Espírito cristão!

O óbolo mensal do assinante 9790, de Perosinho, perorando uma «oração pelos familiares falecidos».

Vinte mil, da assinante 15506, de Almeirim, «com todo o amor e carinho, desejando um santo Natal» — que agradecemos.

Assinante 47037, do Juncal, com «pequena lembrança para os mais necessitados — neste ano do Divino Espírito Santo».

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro, 66.400 exemplares.

RETALHOS DE VIDA

Morgado

Eu sou o Fernando Morgado. Tenho 13 anos e frequento o 6.º ano do Ensino Básico.

Sou natural de Miranda do Douro e vim para a Casa do Gaiato há cerca de um ano e meio.

Vim, para cá, porque passava muitas dificuldades económicas e não tinha condições de vida. Residia num bairro muito pobre e degradado. Muitas vezes roubava e pedia dinheiro para comprar comida.

Agora, estou na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, para me tornar um homem. Quando for adulto gostaria de ser bombeiro para ajudar a comunidade.

Fernando Morgado



PAÇO DE SOUSA

LAVOURA — Os nossos campos foram lavrados para semearmos erva — embora tenhamos poucas vacas. Ela é sempre útil aos animais.

VISITANTES — A nossa Aldeia continua a ser visitada por muita gente nova e idosa.

Lá para o mês de Março teremos muitos estudantes. São todos bem-vindos à nossa Aldeia.

TEMPO LIVRE — Depois do jogo do pião, volta o berlinda. O nosso parque está quase sempre cheio, pois toda a gente gosta deste jogo. Esperemos o que virá a seguir...

POMBAL — Agora, está com pombas novas, no lugar

que lhes compete. Um pomal renovado!

RATOS DA ÍNDIA — Temos também um casal de ratos da Índia que já procriaram, mas as crias não sobreviveram!

CONTENTOR — Seguiu outro para Moçambique, carregado de corticite para o tecto das nossas casas. E também com produtos para o dia-a-dia da comunidade.

Esperamos que tudo chegue, lá, em ordem...

Rui Manuel Silva

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vem aí Dezembro. Um mês de magia, amor, alegria e sonho. É assim que sinto esta bela quadra de Natal. Pena é que para muitos seja triste ou assim a transmitam. Temos sempre muitos problemas e tristezas durante o mês do Menino Jesus, o Salvador.

É o tempo da adoração, oração e de lindos cânticos. Devemos orar e adorar em família, juntos!

E porque não cantar ao Menino Jesus todos juntos, em família?

Não foi a cantar que os Anjos anunciaram o nascimento do Salvador? E foi ouvindo os Anjos cantar que os pastores souberam que qualquer coisa de muito extraordinário estava a acontecer.

«Glória a Deus e paz na terra aos homens de boa vontade.»

A paz entre os homens nascerá da glória que dermos a Deus.

Glória a Deus é a própria paz dos homens juntos neste Natal. Adoremos e cantemos ao Menino Jesus pela paz e fraternidade entre a Humanidade.

Neste Natal contamos com a vossa ajuda para os nossos velhinhos e crianças, que estão a contar com as consoadas, brinquedos e guloseimas. Como sempre, as nossas finanças não estão bem.

DONATIVOS — Da nossa amiga J.R.D., 4.000\$00. De um amigo, de Setúbal, João Silva, 2.000\$00. Do assinante 17991, cheque de 25.000\$00. Da nossa amiga, de há bastante tempo, que envia sempre lindas cartas e encoraja a continuar, acaba assim a última: «Pai Américo vos ampare e ajude a continuar», com cheque de 10.000\$00 e um abraço amigo.

As finanças estão baixas para a quadra que está a chegar. Mesmo assim, vamos fazer com que o Natal dos velhinhos e das crianças seja quente, feliz e muito doce. O Menino Jesus vai ajudar-nos. Temos fé que sim e não vamos desanimar.

A nossa Conferência deseja a todos os amigos um Natal cheio de amor, calor humano e saúde.

Um bem haja para todos.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

Sempre os Poetas!

Os poetas vão-se embora? Mas também Estão sempre de volta Porque amam a Humanidade! Os poetas são como as mães Solteiras e odiadas. São mal-amados Mas dão frutos para a [eternidade!]

Os poetas e os versos Que os poetas escrevem E que vos deixam perplexos Estão contidos Nas pinturas, nos filmes, Nos discos e nos livros Porque os poetas vivem [livres!]

E com a sua graciosa lira Renovam e enternecem O vosso duro dia-a-dia!

As poesias nascidas Em público ou escondidas São gestos De delicados afectos Transmitidos pelos poetas! As descobertas mais [os segredos Vividos pelos poetas Oferecem-vos belas [quimeras!]

E convidam-vos a evitar No nosso planeta Terra Os infernos Que nos obrigam a gritar!

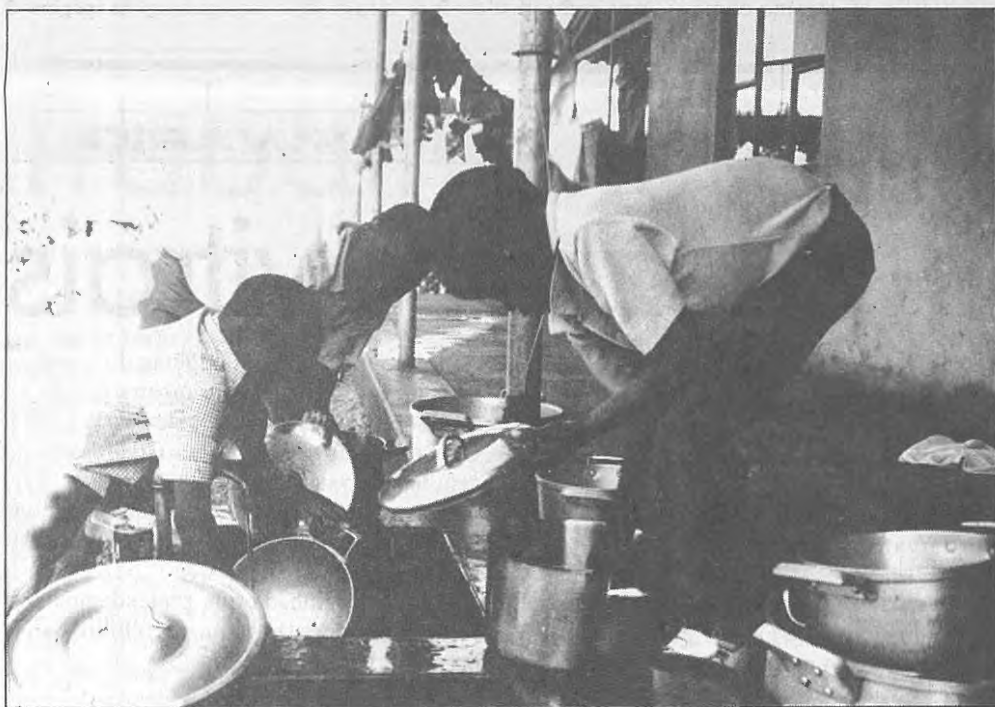
Manuel Amândio

Recordando o Místico

Li, recordei e me lembro Dasquelas lições de moral Folhas, areias, multibiliões Entre si nenhuma igual É o poder infinito de Deus A falar às multidões É a natureza, o Homem, a Vida Mas são iguais ilustres e plebeus Recordo nos Olivais a missa da altura Tais eram os teus sermões Que pela palavra da Escritura Nos faziam chorar de emoções.

Era o Pobre, o Doente, o Garoto Na Conchada, depois Barredo, na rua De tanto caminhar vi teu sapato roto Senti teu sonho, tua alegria, tua amargura Partias cedinho, era a Missa na «Sopa» Rodavas o dia inteiro, infatigável Como em procissão com tua opa Qual capa preta esfrangalhada E nos reencontravas da noitinha à madrugada Na tua, nossa Casa familiar Tu eras o Pai para nós filhos sempre afável Rezando o Terço antes do manjar.

Teu filho Alberto Augusto



Os malanjinhos cuidam da louça da cozinha

Tribuna de Coimbra

Um olhar rápido sobre cada um

HOJE é segunda-feira. Como de costume, esgotou-se-me o tempo de escrever para O GAIATO. É a pressão do tempo e vai ser a vida que dita. A manhã começou com os habituais despachos: carimbar as senhas de almoço dos estudantes, não vão eles entrar em «negociatas...». Um olhar rápido sobre cada um que, à falta de mãe capaz de olhar por todos, alguém tem de o fazer: — *Ajeita-te rapaz!*... E fazemo-lo com enlevo e transcendência. Depois, a «volta do Continente». É tão importante que já tem nome institucionalizado... De lá nos vem o nosso pão de cada dia e outros mimos variados, tudo de graça e de alma aberta: — *É p'ros gaiatos!*

A manhã está fria! A mudança do escritório do primeiro andar para o rés-do-chão, onde nos encontramos, foi feita em boa hora. Todos ali assomam com mais facilidade. Os mais pequenos, sobretudo.

E fazem-no com frequência e familiaridade. O motivo mais insignificante, se presta. Com o frio da manhã a instância aumenta...

Um deles. — E o recado é importante?, pergunto. — *Queria dizer que... que... já me esqueci!* E nada mais disse porque um simples olhar bastara para perceber o que esquecerá... Quantas vezes, nestes encontros fortuitos, nós encontramos a transcendência do nosso chamamento e o alento para caminhar. Bem o sabemos: o Senhor anda perto! — *Principalmente, porque vêm eles para aqui,* perguntava certo jornalista. A resposta está na atitude deste pequeno: faltou-lhe a continuidade deste olhar. E porque existimos nós? Para dar continuidade a este olhar. Mais longe ainda: E a Igreja? Para qualificar este olhar. O olhar de Deus que é a Família.

O Néelson e o Carlos vieram recentemente de um bairro de Lisboa. Esta manhã, o Carlos apareceu com um aleijão. Inquiri. Resposta pronta do irmão: — *Foi o pai...* Reminiscências de um outro olhar: o do passado. Religiosa que deslenolve, há alguns anos, uma apostolado terra-a-terra junto dos Pobres daquele

bairro pediu-nos para eles. Alguém nos alertou: — *Se ela o faz, é porque se esgotaram as soluções...* Tão bela esta maneira de olhar! Há, contudo, muitos cristãos que apenas olham para a sua «igreja». — *É pena!*, dizia o Padre Américo a figura eminente da Igreja do seu tempo, ao ouvir-lhe dizer que não tinha tempo para ver os Pobres. Contudo, será este olhar agora e até ao fim do mundo o melhor índice para avaliar a «qualidade de visão» dos cristãos. De que forma o Padre Américo nos ajuda a compreendê-lo! Permita Deus que as campanhas publicitárias do tempo natalício que se avizinha, não descurem esta preocupação.

Campanha de assinaturas d'O GAIATO

A bom ritmo segue, também, a campanha de assinaturas do nosso Jornal, por terras da Beira! A Covilhã vai à frente. Para já, 200 assinaturas. Mas os nossos grandes e velhos amigos querem, em breve, passar do milhar delas! Mais organizada em Castelo Branco, a iniciativa foi assumida pelas paróquias da cidade e arrancará, ou já arrancou, com a caminhada do Advento. Ajudará assim a fazer caminhada, também, para a grande celebração do Natal. Nada mais feliz e oportuno.

Padre João



O Miguel, o mais velho, da Maria do Carmo, e Rui o mais novo.

Uma carta

Alma a transbordar!

É sempre com imenso prazer que recebo O GAIATO. Leio-o com a alma a transbordar de emoção, respeito e admiração por quem se dedica à Obra do Pai Américo, Obra de amor e carinho por crianças abandonadas, tornando-os cidadãos honestos, trabalhadores, responsáveis. É uma Obra, diria, sem paralelo neste mundo onde reina a violência e a imoralidade.

Que Deus misericordioso vos ajude a amparar os que nada têm.

Eu sei que nas vossas orações rezais por todos. Se me é permitido (muito grata ficarei), peço uma oração especial por mim para que Deus me ajude e ilumine nas atitudes a tomar para resolver problemas que muito me afligem e fazem sofrer.

Assinante 30544

Continuação da página 1

Desabafou, ainda, da doença incurável do marido e o sofrimento que ela lhe acarretava.

— Eu posso dar-lhe o envelope. Já mo entregou e posso também dar-lho.

— *Não, não e não!*

Que tinha gostado muito da Missa, de ouvir cantar e tocar os rapazes... Que isto é muito lindo!

No refeitório, o chefe, logo de seguida, no pe-

Setúbal

queno-almoço, havia colocado no meio quatro pequenos dos 10 aos 12 anos por terem estragado o estuque da parede do quarto com setas de brincar.

Abri o envelope na presença deles, referi a homilia e os textos sagrados e verifiquei que continha cem contos. Conteí-lhes a história.

O nosso dinheiro é de gente que vota em Jesus! Não temos o direito de estragar assim o nosso quarto, que foi feito com tanta fidalguia em estuque e não em reboco com valores tão sacrificados e tão santos.

Padre Acílio

DOCTRINA



Só a família tem o poder de regenerar

CARTAS anónimas não se comentam. Elas são um postulado de espiritosinhos sem luz, fundado na fábula do velho, do rapaz e do burro. Se esta trempe se deixasse estar em casa — o homem a comer pão, o burro palha e o rapaz tremoços — se assim fizesse, digo, ninguém dava fé. Mas como se puseram a caminho, o mundo falou a seu modo. Muito tem que sofrer quem se puser a caminho! Não se discutem, sim; mas, a propósito delas, pode-se fazer doutrina.

O adorável garoto das ruas é fonte inteiramente desconhecida, estrangeiro em sua Pátria. Ele é um ser à parte que nasce e cresce feliz em ambientes adequados à sua formação. Ama o desalinho, a porcaria e o vício. Tem da vida a sua opinião e é firme. Gosta dos seus grupos, das suas alunas, das suas áreas de moínice. Nós somos para eles seres de outro mundo, sem comunicação. Impossível conhecer na rua o garoto das ruas. Seja o tostão, seja o pastel, seja a ripada — qualquer coisa que se lhe dê ou palavra que se lhe diga, o pequeno guarda e foge a comentar entre os seus; e que comentário! É apanhado para o albergue ou para o reformatório. Vai e sujeita-se, por medo, mas não se adapta. Espera o regresso à vida da rua. Não há no rapaz uma transformação séria. Nos grandes aglomerados das obras de Assistência pública não se exerce, em regra, a acção individual, interior, redentora. São obras sem alma. Não vivem em família; o pequenino não pode ir à cozinha pedir pão, por não haver quem lho parta.

SÓ a Família tem o poder de regenerar. Ela é a instituição divina, alvorada perene, altar da Humanidade. O garoto da rua somente pode ser transformado em casas paternas e estas, fora e longe das cidades. Ora aqui é justamente aonde eu quero chegar. A reacção do

pequenino vadio das ruas, uma vez instalado no que é seu, é manifesta. Ele sente-se deslocado, perdeu os seus amores, procura a sua liberdade. Não é sem grande sacrifício do educador e de grande violência do educando que ele começa a afeiçoar-se. Este trabalho é absorvente. As abelhas só cuidam do mel; e nós, destes pequeninos. O mundo de fora não pode nem deve perturbar-nos. Não que a gente não chore com os que choram, mas sim que a Caridade é bem ordenada.

SE nas terras onde se instalam Casas do Gaiato, houver gente que sinta deveras a sorte do Pobre, que nos procurem na rua, fora e longe da Casa do Gaiato e ouçam o nosso falar. Não que eu seja «rico como um porco», mas sim sei por experiência que quanto mais e melhor semear, mais recebo; são promessas de Jesus.

COM a fundação da Casa do Gaiato do Porto, em Paço de Sousa, onde felizmente topei gente que entende e colabora, vai-se fundar um dispensário e farmácia para os Pobres onde o médico passa a dar remédios em vez de receitas. E, para haver mais eficiência nos trabalhos, já temos uma visitadora que vai por casa das famílias pobres indagar e socorrer. Este é o processo mais sólido de nunca mais faltar o azeite nem a farinha dentro da Casa do Gaiato.

EM Miranda do Corvo podia ser na mesma se ali houvesse gente amiga de construir. Mas não: — *Se todos fossem do meu génio, essa casa já estava assaltada.* Felizmente, para a sociedade, há poucos génios assim. Como o Mundo é pequenino e Miranda do Corvo muito mais, já se sujeita quem atirou a pedra e escondeu a mão — que vergonha para o valente! É absolutamente impossível que esta Obra a que me devoto, não prossiga a passos de gigante — ou Deus não existe! Impossível, sim, que as marcas interiores que se não dizem e as exteriores que tu conheces, todas elas dão testemunho do seu valor.

O. Amín. 5.!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

Património dos Pobres

Mais chamadas

— **PADRES:** É da vossa missão anunciar os Pobres à Igreja — este conselho paternal foi dado por um dos nossos Bispos que sempre confiou muito em Pai Américo. E a Igreja é constituída por todos os baptizados. Os Pobres não podem ficar alheios. Os nossos escritos e os nossos testemunhos são da nossa missão.

Fomos, uma vez mais, chamados por dois párocos que procuram ser bons pastores de rebanhos grandes dos cuidados de cada um. No sítio e a horas combinadas estavam à nossa espera.

A primeira e a maior aflição: casa de família numerosa, já incapaz de a acabar. Têm sete filhos, a mais pequenina apenas de meses, e todos os outros pequenos. Têm vivido sempre nas ruínas da que já foi habitação antiga — cedida por familiares. Há anos, o casal comprou terreno. Passados mais anos, com a ajuda de alguns materiais oferecidos pela Câmara, pelas Caritas, e outros comprados, levantaram as paredes da casa nova e pararam. Sentem-se incapazes de mais.

Ainda estou a ouvir aquela mãe com a pequenina ao colo e a voz angustiada, a desafiar-nos: — *Senhores priores, como podemos acabar a nossa casinha só com o*

meu marido a ganhar à volta de sessenta contos por mês e a governar nove pessoas?

O remédio foi dado ali mesmo. Avaliámos o custo da mão-de-obra, à volta de mil contos, e assinámos o cheque à conta dos nossos Leitores. Despedimo-nos e trouxemos connosco os seus gestos de gratidão.

ALI, à beira, há um maior abandono. Uma família de pais e três filhos construíram paredes em cima de paredes velhas, cobriram a casa, fecharam-na com pedaços de plástico a servirem de portas e janelas e desistiram de a acabar. Servem-se dela de dia e, à noite, vão ficar fora, num pardieiro. Roemos todo aquele abandono, fruto de incapacidade familiar. Animámos o pároco a animar aquela família, deixámos uma ajuda para lhes dar coragem e rumámos para outra freguesia.

Quilómetros andados, encontrámos a habitação que procurávamos. Estavam os pais e um dos três filhos. Compraram a parte que cabia aos irmãos e lá vivem. Não sou capaz de escrever o que encontrámos: paredes antigas com grandes fendas e desunidas, por onde entra toda a espécie de bicharada; nunca foi rebocada, nem teve ferros; o chão é de tábuas podres e esburacadas; colchões velhos no chão onde se deitam à noite. Uma casa desarrumada com muitos frascos e latas e um mundo de coisas por todo o lado; a água do quarto de banho corre para a cozinha. Um ambiente de desleixo e de sujidade. Desculpamos-nos: pensam contrair empréstimo bancário para obras.

Ficámos abismados com toda aquela situação e inércia. Procurámos consciencializá-los e prometemos ajuda.

No regresso, meditámos no recado do pároco ao telefone: — *Venha ver. É uma miséria que só vista!*

Padre Horácio



As ruínas da casa velha onde sempre têm vivido

Continuação da página 1

Quantos doentes não têm sido acolhidos com mazelas físicas e morais! Alguns vêm marcados pelo desprezo, pela crueza da vida que tiveram.

Mas quantos não passaram já à Vida onde foram definitivamente curados!

PENSAMENTO

Dar de comer, dar de vestir, fazer justiça — eis como se ama!

E é este amor que falta no Mundo!

PAI AMÉRICO

Calvário

O mistério da Vida passa por aqui: o trigo tem de morrer para adquirir vida novamente.

O nosso próprio vir, vai passando pela morte celular, pelo viver de outras células e a vivência de cada etapa deve dar frutos correspondentes.

Há, no entanto, quem estrague ou atrofie estes períodos do viver. Há quem os viva descuidadamente. Há também quem os saiba valorizar.

Para todos a doença surge como o momento mais crítico do viver. E a morte, como o vitral do Calvário lembra, como o colapso de tudo quanto é físico. Porém, a fé projecta o viver para

mais alto: o vitral da Ressurreição diz-nos que o nosso destino vai para além da morte.

Tenho reparado que, pela manhã, o sol penetra na capela e ilumina a cena do Calvário; pela tarde, surge do lado oposto e clareia o vitral onde Cristo está ressuscitado. Quando a noite vem, a visão de ambos desaparece. Ela está lá, mas escondida.

A luz do exterior dá a visão, mas apenas a visão material que neles se encontra.

Só a luz do Alto permite a visão profunda destes dois momentos singulares da vida de Cristo. A luz de Deus faz-nos entender aquilo que os vitrais

pretendem revelar: o mistério da criatura que tem que passar pela morte para chegar à Vida eterna.

Felizes aqueles que recebem esta Luz!

Tenho procurado que estes doentes sejam iluminados por aquela Luz e por ela entendam o presente, como manhã do dia que acabará certamente na Ressurreição. Sem aquela Luz eles não entenderiam nem seriam capazes de cantar felizes como o salmista: «Na Tua luz veremos a luz».

A claridade desta tarde outonal vai mostrando, já esmorecidamente, as figuras de Cristo e Madalena à beira do sepulcro, no vitral da capela.

A fé, essa nunca deixará extinguir a certeza da Ressurreição, a todos proposta, com a luz que do Alto sempre vem.

Padre Baptista

Trabalho infantil

Continuação da página 1

«A vida de trabalho deve seguir a par. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e sã. Cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela.»

«Nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio; a iniciativa; a personalidade — tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. O trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem.»

«A tendência da Obra é que sejam os rapazes os seus próprios continuadores. Por isso escolha-se entre eles o mais avisado e

dê-se-lhe preparação. Os padres da rua não devem ter funções administrativas. É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais actividades sejam dirigidas e exploradas por rapazes idóneos segundo a escolha do Superior, a quem devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos.»

«Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto. Chame-se cada um a esta responsabilidade e não se lhe falte com o salário justo.»

É curioso que, há três ou quatro anos, nos apareceu uma equipa alemã de televisão que andara pela América Latina e então por cá, nos restos europeus de *terceiro mundo* (se calhar ainda muito numerosos...), em busca de trabalho infantil. Como é timbre da nossa

natureza de «porta aberta», foram pela cozinha, pela quinta, pelas oficinas, também pelas escolas e filmaram o que quiseram da nossa vida quotidiana ali patente. Depois quiseram ouvir-me. Foi uma conversa longa e interessada em que lhes declarei, com abundância de exemplos, o ideário que acima recorto, sintetizado pela pena de Pai Américo. Foi uma enxurrada de trabalho infantil! Os componentes da equipa pareciam-me bem dispostos e despediram-se com simpatia. Também aquele encontro me foi oportunidade de satisfação.

Passados meses chegaram-nos notícias agradadas de espectadores das televisões alemãs e francesas onde a reportagem foi passada. E, pois se falara, e foi percebido, que vivíamos, por opção, sem quaisquer apoios oficiais, até um bocadinho de marcos e de francos a confirmar o agrado.

Padre Carlos

O LIVRO «PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

«Presentes de Natal»

A carta, da Póvoa de Varzim, que segue na dianteira, acentua que, da colecção da nossa Editorial, alguns Leitores escolheram, especialmente, o livro da autoria do Padre Ramos — «*para os incluírem nos presentes de Natal que não tardará, aí, no calendário!*»

Póvoa de Varzim — assinante 31624:

«O GAIATO é um companheiro inseparável dos poucos momentos de reflexão que conseguimos roubar à vertigem da vida que nestes nossos tempos quase nos devora.

Peço mais um exemplar do livro 'Padre Américo - místico do nosso tempo'. Ficará para incluir nos presentes de Natal — que não tardará aí, no calendário.

Só me resta acrescentar que continuo a inquietar-me com as vossas inquietações e a pedir ao Senhor da Messe que, neste Ano do Espírito Santo, envie Mães para os vossos mais pequeninos.»

Assinante 30033 — Algueirão:

«Segue uma pequena presença para dizer 'obrigado' pelo livro 'Padre Américo - místico do nosso tempo'. Ai se todos os homens fossem assim! Ai se todos os cristãos fossem assim! Ai se eu fosse assim!» — Desabafos!

Soutelo do Douro — assinante 23263:

«Esta carta merece papel de linho antigo porque é importante o que vai aqui expresso — Gratidão.

Fiquei sensibilizada e muito grata pela atenção que tivestes em me enviar o livro sobre o Padre Américo, do Padre José da Rocha Ramos.

Só o encontrei, há pouco tempo, numa ida a Bragança, em cima da mesa, à minha espera.

Tenho-o tido à mesa de cabeceira e só hoje acabei a primeira das milhentas voltas que lhe hei-de dar. É esplêndido!

Escrito com simplicidade e pureza — a pureza da autenticidade do que nos conta sobre esse homem — o Padre Américo — que é para todos uma luz acesa a apontar caminhos e a fazer-nos ver, no fundo de nós, os irmãos que merecem bem mais do que os fracos, como eu, lhes vamos dando.

Obrigada! Foi um gesto muito lindo e eu tirei dele o máximo proveito.

Escrevi na primeira página por baixo do nome do Padre Américo: 'Um dos homens que mais admirei em toda a minha vida.'

Oxalá os frutos da sua Obra continuem a alimentar corpos e almas, como ele tanto fez em toda a vida admirável que viveu.» — A carta merece papel de linho antigo!

Assinante 100017 — S. Cosme (Gondomar):

«Como outros livros de Pai Américo que já possuo (embora este não seja de sua autoria, mas sobre a sua pessoa), prendem-me de uma forma tão especial que apetece lê-los de um só fôlego!

É regra não atribuírem preço às vossas obras, o que demonstra coerência porque de facto não têm preço.» — Coerência.

Júlio Mendes